

Percepção sociolinguística da palatalização de /t/ e /d/ próximos a ditongo no Rio Grande do Norte

Sociolinguistic perception of /t/ and /d/ palatalization adjacent to diphthong in Rio Grande do Norte state

Gabriel Sales¹

Eliete Figueira Batista da Silveira²

Resumo: Este trabalho objetiva delimitar a indexação social das formas alveolar e palatal dos fonemas /t, d/ no estado brasileiro do Rio Grande do Norte (RN), em ambiente átono contíguo a ditongo, no qual essas realizações estabelecem relação de variação (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012; ANANIAS; CUNHA, 2022). Partindo da perspectiva teórico-metodológica da sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), organizamos uma amostra com participação de 76 avaliadores com ensino superior, responsáveis por julgar estímulos sonoros em um questionário eletrônico de elicitación de atitudes hospedado na plataforma *Google Forms*. Reportamos a inspeção de respostas a escalas de 8 atributos, distribuídos nas categorias de competência, integridade pessoal, atratividade social e associação geográfica. Realizamos a análise via modelos de regressão logística ordinal de efeitos mistos, com uso do pacote *ordinal* (CHRISTENSEN, 2019), na plataforma R (R CORE TEAM, 2022). De modo geral, os resultados indicam atitudes mais positivas associadas à forma palatal em contexto regressivo, possivelmente motivadas pela opacidade da regra fonológica que dispara o processo. Em contexto de assimilação progressiva, por outro lado, a realização palatal é associada a atitudes mais negativas, sendo percebida como indexadora de indivíduos menos competentes, menos íntegros, menos atrativos socialmente e mais interioranos.

Palavras-chave: Sociolinguística; percepção; palatalização; ditongo; opacidade.

Abstract: This paper aims to delimit the social meaning of alveolar and palatal forms of /t, d/ in the brazilian state of Rio Grande do Norte (RN), considering the linguistic context of unstressed syllable contiguous to diphthong, in which these forms compete (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012; ANANIAS; CUNHA, 2022). Assuming the theoretical and methodological perspectives of sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), a sample was organized with participation of 76 higher education judges, which evaluated sound stimuli in an on-line questionnaire hosted on Google Forms. We report the inspection of responses to scales of 8 attributes, distributed in categories of competence, personal integrity, social attractiveness and geographic association. The analysis was performed with cumulative link mixed models, using the ordinal package (CHRISTENSEN, 2019), on the R platform (R CORE TEAM, 2022). In general, the results indicate more positive attitudes associated with the palatal form in the regressive context, possibly motivated by the opacity of

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. gabriel-sales@outlook.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. elietesilveira@letras.ufrj.br.

the phonological rule that triggers the process. In the context of progressive assimilation, on the other hand, the palatal form is associated with more negative attitudes and perceived as indicator of less competence, less upstanding, less socially attractive and more rural individuals.

Keywords: Sociolinguistics; perception; palatalization; diphthong; opacity.

Contextualização e base teórica

No imaginário popular, a palatalização de oclusivas /t, d/ é marca característica de alguns falares do Sul e do Sudeste do Brasil. A região Nordeste, em contrapartida, é reconhecida pela preservação da articulação alveolar dessas consoantes. Apesar dessa generalização, produções palatais são uma realidade em diversas comunidades de fala nordestinas, ainda que possam ser menos frequentes, quando comparadas às realizações alveolares. Além disso, em algumas comunidades nordestinas, fatores linguísticos distintos dos atuantes no Sul/Sudeste disparam o processo assimilatório que resulta na articulação palatal dos fonemas /t, d/ (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012; SANTOS, 2012; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021; ANANIAS; CUNHA, 2022).

No estado nordestino do Rio Grande do Norte (RN), foco deste estudo, a forma palatal emerge em ambiente de sílaba átona antecedida ou sucedida de ditongo envolvendo a vogal anterior alta /i/, seja ela concretizada como tal, seja como glide [j] (ANANIAS; CUNHA, 2022). Desse modo, a assimilação que resulta em palatalização pode ser tanto regressiva, como em [hẽ'mɛ.dʒjʊ] 'remédio', quanto progressiva, a exemplo de ['doj.dʒʊ] 'doido'. Logo, a produção esperada de uma palavra como 'aditivo', que não atende à descrição estrutural da regra, é [a.di.'ti.vʊ] (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012). A regra de palatalização, no entanto, é de natureza variável. Assim, [hẽ'mɛ.dʒjʊ] e ['doj.dʒʊ] competem com [hẽ'mɛ.djʊ] e ['doj.dʊ].

A partir disso, é evidenciado que o gatilho em atuação no RN se diferencia daquele em atividade na fala do Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, em que basta o compartilhamento de sílaba entre /t, d/ (C1 de *onset* simples) e vogal alta /i/ (núcleo) para disparar o processo, que é de aplicação categórica (CALLOU, 2015). De tal modo, na fala carioca, são esperadas as produções [a.dʒi.'tʃi.vʊ] e [hẽ'mɛ.dʒjʊ], mas não ['doj.dʒʊ], que se concretiza categoricamente como ['doj.dʊ].

Diante da realidade diferenciada da palatalização de /t, d/ na comunidade potiguar³, objetivamos, neste estudo, traçar o significado social das realizações alveolar e palatal dessas consoantes no RN, considerando os contextos linguísticos que motivam a regra de palatalização

³ Mesmo que natural do Rio Grande do Norte.

no estado. Com isso, esperamos ampliar a compreensão da variação em foco, sistematizando seus correlatos subjetivos.

Este trabalho se insere, dessa forma, no paradigma teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, e pretende atender ao problema da avaliação delimitado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), que prevê a interferência de fatores subjetivos, a que nos referimos como percepção sociolinguística, em processos de variação e mudança, favorecendo ou inibindo a difusão de fenômenos linguísticos. Especificamente, buscamos delimitar a indexação social das variantes de /t, d/ por meio da eliciação de atitudes, definidas por Garrett (2010) como orientações avaliativas para um objeto social – como a língua –, que podem ser inferidas da manifestação de crenças, opiniões, etc.

Tal enquadramento teórico é justificado por sua adequação ao escopo da pesquisa: uma ampla comunidade de fala, que, por sua vez, pode conter comunidades menores em seu interior, bem como inúmeras comunidades de prática, em que valores estilísticos distintos podem circular. Este estudo, portanto, lida com amplas categorias sociais, uma vez que se dedica ao estabelecimento de uma visão geral da percepção sociolinguística da palatalização de /t, d/ na extensa comunidade de fala que é o RN. No entanto, como será visto, os resultados encontrados fornecem indícios que justificam a realização de pesquisas futuras em que a investigação do fenômeno recaia sobre contextos sociais mais específicos.

Metodologia

Para a coleta de dados deste trabalho, adotamos a metodologia experimental caracterizada pelo uso da técnica de falsos pares (LAMBERT *et al.*, 1960). Essa técnica é configurada pela apresentação de pares de estímulos a um painel de avaliadores, sem que saibam que os elementos de um par são produções linguísticas de um mesmo indivíduo. Os pares se diferenciam em relação a apenas uma variável linguística, nesse caso, a produção palatal ou alveolar de /t, d/. Com isso, caso seja identificada diferença entre as avaliações dos pares, é possível atribuí-la à variável linguística em consideração.

Elaboramos quatro pares de estímulos, a partir dos contextos estruturais favoráveis à palatalização descritos por Cristófar-Silva *et al.* (2012) e Ananias e Cunha (2022): dois pares envolvendo a direção progressiva e dois envolvendo a direção regressiva do processo. Além disso, cada uma das oclusivas, a vozeada e a desvozeada, computou uma ocorrência em cada estímulo, no contexto linguístico delimitado. Nos quadros 1 e 2, é reproduzido ortograficamente o conteúdo de cada estímulo elaborado, com transcrições fonéticas dos contextos linguísticos relevantes.

Quadro 1 - Estímulos em contexto de assimilação progressiva

Produção palatalizada	Produção alveolar
Meu cachorro é praticamente membro da família. Eu cu[j][dʒ]o mu[j][tʃ]o bem dele.	Meu cachorro é praticamente membro da família. Eu cu[j][d]o mu[j][t]o bem dele.
Já tinha o[j][tʃ]o pessoas na fila. Eu tava quase ficando do[j][dʒ]o, com medo de perder o prazo.	Já tinha o[j][t]o pessoas na fila. Eu tava quase ficando do[j][d]o, com medo de perder o prazo.

Fonte: elaborado pelos autores

Quadro 2 - Estímulos em contexto de assimilação regressiva

Produção palatalizada	Produção alveolar
Eu sinto uma certa angús[tʃ][j]a ⁴ , então quando compro um remé[dʒ][j]o sempre leio a bula pra saber se tem efeito colateral.	Eu sinto uma certa angús[t][j]a, então quando compro um remé[d][j]o sempre leio a bula pra saber se tem efeito colateral.
Minha prima fez um vi[dʒ][j]o bonito lá naquele sí[tʃ][j]o. Todo mundo ficou com vontade de visitar.	Minha prima fez um vi[d][j]o bonito lá naquele sí[t][j]o. Todo mundo ficou com vontade de visitar.

Fonte: elaborado pelos autores

Dois leitores voluntários foram recrutados para oralização dos estímulos⁵, um homem e uma mulher naturais do RN com idades entre 20 e 30 anos. As oralizações foram gravadas e inspecionadas acusticamente, a fim de identificar a necessidade de regravações. Também realizamos uma etapa de pré-teste, em que sete voluntários potiguares contribuíram tanto para validação dos estímulos quanto do instrumento de pesquisa, um questionário de elicitación de atitudes hospedado na plataforma *Google Forms*.

A composição do questionário envolveu oito escalas tipo Likert com seis pontos, cada uma associada a um atributo, que foi avaliado de *pouco* a *bastante* aplicável ao estímulo sonoro ouvido. Houve, ainda, uma escala de semelhança de fala e mais quatro perguntas de caráter qualitativo, que incorporaram tarefas de atribuição de faixa etária, escolaridade, atividade profissional e pertencimento geográfico. Neste trabalho, por limitação de espaço, reportamos apenas a análise de respostas às escalas de atributos. O Quadro 3 resume os atributos selecionados para compor o instrumento, organizados em categorias de *competência, integridade e atratividade*, em reprodução do instrumento de Botassini (2013). Incluímos, ainda, a categoria *associação geográfica*, que resulta da hipótese dos autores de distinção avaliativa das realizações de /t, d/ de acordo com os atributos que a integram. Essa hipótese é

⁴ O contexto contemplado, nesse caso, é o de ditongo crescente pós-lexical, ou ditongo falso, nos termos de Bisol (1994).

⁵ A participação tanto de leitores quanto de respondentes foi regida por procedimentos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ. O projeto está registrado sob CAAE 48361221.0.0000.5286 e a aprovação foi emitida no parecer de número 5140083.

gerada a partir de 1. observação e de convívio com membros da comunidade estudada; 2. descrições de Cristófar-Silva *et al.* (2012) e de Ananias e Cunha (2022).

Quadro 3 - Atributos organizados em categorias

<i>Competência</i>	<i>Integridade pessoal</i>	<i>Atratividade social</i>	<i>Associação geográfica</i>
Inteligente Desenrolado	Honesto Orgulhoso	Elegante Simpático	Interiorano Potiguar

Fonte: elaborado pelos autores

O questionário ficou disponível para registro de respostas entre 30 de março e 10 de abril de 2022. O *link* foi compartilhado em redes sociais pelos pesquisadores e por colegas. Também foram disparados *e-mails* destinados às coordenações de cursos de graduação de instituições públicas de ensino do RN, com pedido de divulgação da pesquisa entre os alunos. A amostra bruta registrou 92 respostas, das quais 16 foram excluídas na etapa de *data cleansing*, pelos critérios de equilíbrio da amostra e adequabilidade das respostas.

Em relação ao primeiro critério, respostas de indivíduos com nível de ensino médio ou inferior foram desconsideradas, dada sua baixa representatividade ($n = 9$). Com isso, os dados analisados dizem respeito apenas à percepção de indivíduos com nível superior de ensino. Já em relação ao segundo, foram excluídas respostas de indivíduos que não viveram pelo menos 2/3 de sua vida em alguma cidade potiguar, a fim de evitar a influência de normas externas à comunidade. Também foram isoladas respostas com erros no preenchimento do perfil sociodemográfico do indivíduo, possivelmente causados por interferência de corretores automáticos de texto. Com os filtros mencionados, a amostra final totalizou 608 respostas de 76 indivíduos, 51 mulheres e 25 homens.

No que diz respeito à metodologia de análise, considerando a ordenação intrínseca entre os níveis de escalas de tipo Likert (CLASON; DORMODY, 1994), submetemos os dados a modelos de regressão logística ordinal com efeitos mistos, na plataforma R (R CORE TEAM, 2022), com a função *clmm*, do pacote *ordinal* (CHRISTENSEN, 2019). Comparações entre modelos foram feitas por *likelihood-ratio tests*, com a função base *anova*. Essa função fornece valores para o Critério de Informação de Akaike (AIC) e informa, com base em estimativas por máxima verossimilhança, se há diferença estatisticamente significativa entre os modelos comparados. Desse modo, foi possível selecionar aquele que melhor explica a variação da amostra. Ademais, por esse mesmo método, foi testada a relevância das interações entre variáveis.

Para a construção dos modelos, as escalas de seis pontos foram simplificadas, preservando a simetria de seus limites. A simplificação foi fundamentada em testes de estimativas por máxima verossimilhança com a função *anova*, que tomaram como *input* os modelos mais adequados para cada uma das escalas, a expandida e a simplificada. Os testes resultaram em diferença não significativa entre os modelos ($p > 0.05$), licenciando a adoção da escala mais simples. Com isso, os pontos mais baixos da escala, 1 e 2, foram recodificados como *pouco*; os pontos centrais, 3 e 4, como *neutro*, e os pontos mais altos, 5 e 6, como *bastante*, em relação aos atributos avaliados. Para representações da distribuição de dados em gráficos de barras feitas na seção de análise, por outro lado, optamos pela utilização da escala expandida, a fim de possibilitar melhor visualização de gradações entre as respostas. As menções à distribuição, porém, são feitas sempre com base nos agrupamentos citados: pontos mais baixos, intermediários e mais altos.

As variáveis previsoras estimadas na análise estão listadas no Quadro 4, bem como seus respectivos níveis. Em negrito, estão destacados os níveis de referência⁶ das variáveis nominais⁷. Também foi analisada, quando pertinente, a possibilidade de interação entre essas mesmas variáveis.

Quadro 4 - Variáveis previsoras da análise

VARIÁVEIS PREVISORAS	NÍVEIS
Realização de /t,d/	Alveolar Palatal
Contexto/direção de palatalização	Regressiva Progressiva
Sexo do informante	Feminino Masculino
Área de formação ⁸	Biológicas Engenharias Exatas e da Terra Letras Humanas Saúde Sociais aplicadas Não informado
Naturalidade	Região metropolitana de Natal Interior do RN Outra UF ⁹
Idade	19 a 66 anos
Tempo de residência	0 a 64 anos
Área de residência	Região metropolitana de Natal Interior do RN Outra UF
Nº de observações: 608 Nº de participantes: 76	

Fonte: elaborado pelos autores

⁶ Nível de referência equivale a valor de aplicação, terminologia mais usual na literatura linguística. Neste trabalho, adotaremos os dois termos em sinonímia.

⁷ Com a finalidade de facilitar a compreensão, os níveis de referência de variáveis categóricas serão retomados no rodapé de cada tabela apresentada na seção de análise.

⁸ A categorização de áreas de formação foi baseada na Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação assumida pela CAPES.

⁹ Os indivíduos naturais de outra UF que integram a amostra estão de acordo com o critério de residência no RN por pelo menos 2/3 de sua vida.

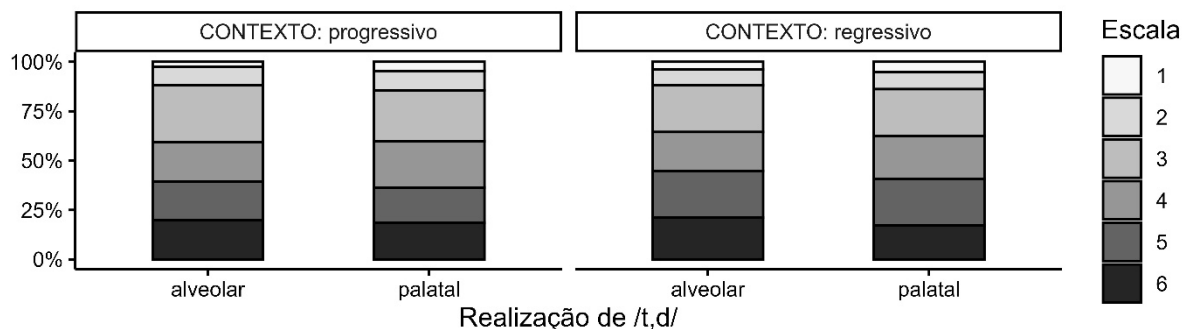
Análise

Nesta seção, analisamos as escalas de atributos de acordo com os agrupamentos estabelecidos na seção anterior: competência, integridade pessoal, atratividade social e associação geográfica, considerando o modelo de regressão construído para cada um dos atributos que compõem essas categorias, cujos resultados são apresentados no formato de tabelas.

A interpretação dos modelos de regressão logística ordinal é feita por espelhamento: os níveis de variáveis predictoras especificados nas tabelas se opõem aos níveis de referência. O coeficiente β em Logits, então, indica a diferença entre o nível em questão e aquele tomado como valor de aplicação. Logits ou Log-odds são coeficientes centralizados em zero (LEVSHINA, 2015) que também figuram como *output* da regressão logística convencional. No caso da regressão ordinal aplicada a variáveis dependentes constituídas por escalas de tipo Likert, valores negativos sugerem tendência a uma avaliação em pontos mais baixos da escala, em comparação ao nível de referência. Já valores positivos sinalizam tendência contrária, em favor de uma avaliação em pontos mais altos da escala (GARCIA, 2021).

Das oito escalas de atributos consideradas (Quadro 3), apenas as respostas a *honesto(a)* não puderam ser explicadas pelas variáveis predictoras estimadas. Os modelos de regressão construídos para análise desse atributo não selecionaram nenhuma variável independente como significativa, o que pode ser um vestígio de sua baixa contribuição para a indexação social das realizações de /t, d/, de modo que as respostas dos informantes foram guiadas por alguma variável além das controladas nesta pesquisa. Em outras palavras, pelo viés de nossas categorias de análise, produções alveolares ou palatais não parecem indicar indivíduos mais ou menos honestos. Isso é refletido na Figura 1, em que podemos visualizar que as concentrações de respostas positivas para *honesto(a)* são bastante proporcionais, com leve favorecimento de realizações alveolares, sem relevância estatística, nas duas direções possíveis de assimilação.

Figura 1- Respostas ao atributo *honesto(a)* em escala percentual



Fonte: elaborado pelos autores

As análises reportadas adiante, portanto, não fazem referência ao atributo *honesto*. A discussão é iniciada pelo agrupamento de competência, que compreende os atributos *inteligente* e *desenrolado(a)*. Nas Tabelas 1 e 2, apresentamos os resultados dos modelos de regressão para cada uma dessas variáveis.

Tabela 1 - Modelo de regressão ordinal para *inteligente* (AIC = 953.03)

<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β</i> <i>(logit)</i>	<i>Intervalos</i> <i>de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	-0.15	-0.67 ~ 0.36	0.55
Contexto [progressivo]	-0.11	-0.63 ~ 0.40	0.65
Anos de residência	-0.05	-0.10 ~ -0.01	<0.05
Área de res. [interior]	-1.50	-3.86 ~ 0.85	0.21
Área de res. [outra UF]	-0.30	-4.16 ~ 3.54	0.87
Realização [palatal] * Contexto [progressivo]	-1.49	-2.23 ~ -0.74	<0.05
Anos * Área de res. [interior]	0.09	0.006 ~ 0.17	<0.05
Anos * Área de res. [outra UF]	-2.02	-4.13 ~ 0.08	0.06

Níveis de referência: realização [alveolar]; contexto [regressivo]; área de res. [metropolitana]

Fonte: elaborado pelos autores

A Tabela 1 demonstra que, com relação à escala de inteligência, as variáveis predictoras estatisticamente significativas ($p < 0.05$) são o fator *anos de residência*, isoladamente, e as interações entre 1. *anos* e *área de residência*; 2. *realização de /t, d/* e *contexto de palatalização*. Desses resultados, interpretamos que a realização alveolar de oclusivas em contexto favorável à assimilação regressiva – [fĩ. 'mɛ.djʊ] –, embora seja predominante na fala do RN, tende a ser levemente mais penalizada na escala de inteligência, em comparação à realização palatal – [fĩ. 'mɛ.dʒjʊ] – ($\beta = -0.05$), a cada unidade de aumento em anos de residência do indivíduo. A razão dessa penalização pode estar associada à opacidade¹⁰ da regra de palatalização em atividade no RN, em relação à regra mais prototípica do PB, característica do Sudeste do país. Na fala espontânea potiguar, como descrito por Ananias e Cunha (2022), a palatalização, independentemente de sua direção, é motivada pela contiguidade de /t, d/ com ditongo, estando as consoantes em sílaba átona. Quando a direção do processo é regressiva, no entanto, o *output* da regra típica dessa comunidade é idêntico ao da palatalização mais comum no PB, motivada apenas pelo compartilhamento de sílaba entre /t, d/ e /i/: [fĩ' mɛ.dʒjʊ]¹¹. Há, portanto, uma coincidência entre formas de superfície geradas por regras distintas, que justifica a confusão entre os *outputs* de cada uma. Haja vista a estereotipia da realização alveolar em contexto

¹⁰ Ausência de clareza sobre as regras fonológicas que derivam uma forma de superfície. Uma regra $A \rightarrow B / C_D$ é opaca se 1. A ocorre no ambiente C_D ; 2. B ocorre em ambientes diferentes de C_D . (KIPARSKY, 1976).

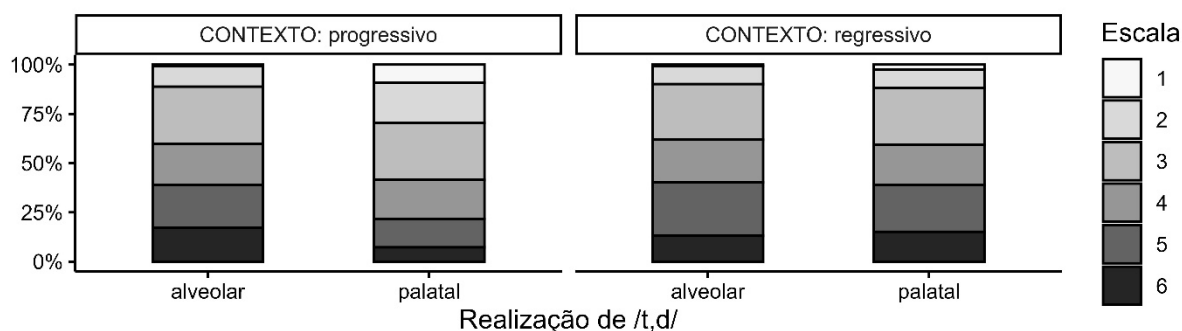
¹¹ Cristófaros-Silva *et al.* (2012) não identificam produções palatalizadas de oclusivas em contexto como o de ['mɛ.tʃi] (mente) na fala do RN, reforçando a interpretação de que há diferença entre a regra local e a prototípica do PB.

favorável à assimilação regressiva – a exemplo de [fĩ' mɛ.djɔ] –, geralmente associada à fala nordestina e alvo de comentários explícitos em função disso, é justificada a avaliação positiva da forma palatal em contexto regressivo pelos respondentes da pesquisa.

Trabalhos realizados em outras comunidades da região Nordeste, tomando como objeto o processo de palatalização, como os de Freitag (2020) e Vitório (2020), também identificam diferenças avaliativas a depender da direção da assimilação, sendo a variante inovadora – a palatal – prestigiada em comparação à conservadora, o que pode sugerir a influência da palatalização característica do Sudeste do país nas normas locais. O resultado acima discutido em relação ao RN, portanto, é interpretado como um indicativo de interferência dessa natureza, sendo a direção da assimilação, em conjunto com a realização de /t, d/, determinante do valor social indexado à variante. A interação entre *anos* e *área de residência*, porém, demonstra que esse padrão de resposta pode não ser verdadeiro para todas as áreas do estado, pois quanto maior o tempo de residência no interior menor é a penalização da forma alveolar na escala de inteligência ($\beta = 0.09$), considerando o contexto regressivo – em outras palavras, maior é a probabilidade de o juiz interiorano atribuir valores mais altos na escala às variantes [t, d].

Já no que diz respeito à interação entre *realização de /t,d/* e *contexto de palatalização*, importa o fato de esses fatores não atuarem isoladamente, mas em conjunto, como já mencionado. Além disso, a estimativa negativa em Logits ($\beta = -1.49$) indica que a realização palatal em contexto de assimilação progressiva – ['doj.dʒɔ] – tende a ser avaliada mais negativamente para o atributo inteligência, em comparação à realização alveolar em contexto propício de assimilação regressiva – [fĩ' mɛ.djɔ] –, quando as demais variáveis estão em seus respectivos níveis de referência (Quadro 4). Esse resultado pode ser visualizado também em termos percentuais, como explicita a Figura 2.

Figura 2 - Respostas ao atributo *inteligente* em escala percentual



Fonte: elaborado pelos autores¹²

¹² Os códigos em linguagem R utilizados para *plots* de gráficos foram adaptados de Garcia (2021), com uso dos pacotes Tidyverse (WICKHAM *et al.*, 2019) e Scales (WICKHAM; SEIDEL, 2022).

A Figura 2 revela, ainda, que, em contexto de assimilação progressiva, estímulos de realização palatal [tʃ, dʒ] concentram mais respostas negativas, nos níveis mais baixos da escala, 1 e 2, em comparação aos de realização alveolar [t, d], que, por sua vez, registram mais respostas nos níveis mais altos, 5 e 6, evidenciando a preferência dos potiguares pela alveolar nesse ambiente, no plano subjetivo. Já em contexto fonético-fonológico favorável à assimilação regressiva, a diferença de distribuição percentual não é tão visível, quando considerada toda a amostra da pesquisa. Entretanto, como visto na Tabela 1, há diferença estatisticamente significativa em favor da realização palatal quando incorporadas certas variáveis independentes na análise. Passemos à análise dos resultados para o atributo *desenrolado(a)*, expostos na Tabela 2.

Tabela 2 - Modelo de regressão ordinal para *desenrolado(a)* (AIC = 988.46)

<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β (logit)</i>	<i>Intervalos de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	-0.12	-0.63 ~ 0.37	0.61
Contexto [progressivo]	-0.06	-0.57 ~ 0.43	0.78
Anos de residência	-0.06	-0.10 ~ -0.02	<0.05
Área de res. [interior]	-2.43	-4.49 ~ 0.36	<0.05
Área de res. [outra UF]	-0.11	-3.64 ~ 3.40	0.94
Realização [palatal] * Contexto [progressivo]	-0.74	-1.45 ~ -0.02	<0.05
Anos * Área de res. [interior]	0.09	0.02 ~ 0.17	<0.05
Anos * Área de res. [outra UF]	-3.23	-6.14 ~ 0.32	<0.05

Níveis de referência: realização [alveolar]; contexto [regressivo]; área de res. [metropolitana]

Fonte: elaborado pelos autores

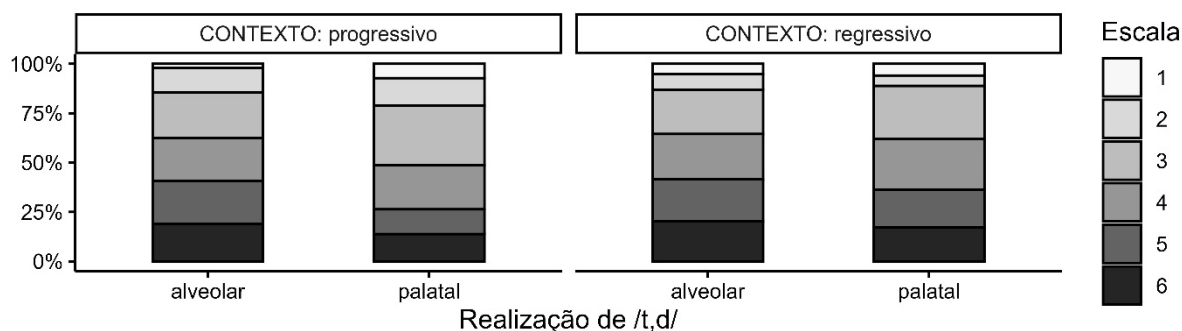
Para o atributo *desenrolado(a)*, as variáveis selecionadas como significativas foram *anos* e *área de residência* (isoladamente e em conjunto), além da interação entre *realização de /t, d/* e *contexto de palatalização*. A mesma tendência apontada para *inteligente* em relação a *anos de residência* é identificada, sugerindo que a realização alveolar em contexto regressivo – [fĩ.ˈmɛ.dʒo] – tende a ser mais negativamente avaliada conforme aumenta o tempo de residência ($\beta = -0.06$). Ademais, de modo geral, indivíduos que residem no interior do estado avaliam a forma alveolar mais negativamente em comparação àqueles que vivem na região metropolitana ($\beta = -2.43$). Essa tendência estigmatizante, porém, é revertida quando observada a interação entre as duas variáveis em discussão. Assim como observado para o atributo *inteligente*, residentes no interior passam a avaliar mais positivamente a forma alveolar conforme aumenta seu tempo de residência, em comparação àqueles que residem na área urbana ($\beta = 0.09$). Já aqueles que vivem em estado diferente do RN tendem a avaliar mais negativamente a forma alveolar em contexto regressivo, quando comparados aos que moram na região metropolitana de Natal ($\beta = -3.23$).

Tais resultados explicitam uma gradação de valor atribuído à forma alveolar em contexto regressivo – [fĩ. 'mɛ.djʊ] –, de acordo com o tempo e o local de residência, sendo os moradores do interior do RN aqueles que atribuem valores mais altos na escala para estímulos com realização alveolar e os que residem em outra UF aqueles que atribuem valores mais baixos. Os moradores da região metropolitana, nesse caso, se comportam como ponto intermediário. Desse modo, é reforçada a interpretação de sensibilidade a variantes características de outras comunidades, especialmente sobre aqueles que vivem fora do RN, que registram respostas mais positivas para a realização palatal – [fĩ. 'mɛ.dʒʊ]. Esse movimento dos residentes de outra UF caracteriza um reflexo adaptativo aos traços linguísticos da nova comunidade, que pode ter motivações variadas, como o estigma que carregam as variantes [t, d] diante de /i/, na perspectiva de algumas comunidades do PB (SÓSTENES; DE PAULA, 2017; VITORIO, 2020). Surge, ainda, a interpretação de que a valorização da forma alveolar por aqueles que residem no interior pode ser interpretada como reafirmação da identidade local que, à exceção do contexto estrutural delimitado, é caracterizada por produções alveolares. Nesse sentido, é estabelecida oposição à tendência de valorização subjetiva da forma palatal seguida por indivíduos da área metropolitana e por residentes de outra UF.

Por fim, a interação entre os fatores estruturais *contexto de palatalização e realização de /t, d/* também se mostrou relevante, indicando para *desenrolado(a)*, assim como constatado para *inteligente*, uma maior penalização da forma palatal em contexto de assimilação progressiva – ['kuj.dʒʊ] –, em oposição à alveolar em contexto regressivo – [fĩ. 'mɛ.djʊ] – ($\beta = -0.74$).

No que diz respeito às distinções internas aos grupos, considerando o contexto progressivo, a Figura 3 exibe distribuição similar à da Figura 2, com a forma alveolar [t, d] concentrando maior percentual de avaliações positivas. Já considerando a direção regressiva, há certo equilíbrio percentual das avaliações de realizações fonéticas [t, d] e [tʃ, dʒ].

Figura 3 - Respostas ao atributo *desenrolado(a)* em escala percentual



Fonte: elaborado pelos autores

A seguir, passamos a analisar respostas ao atributo componente da categoria integridade pessoal, *orgulhoso(a)*¹³. Para esse atributo, duas variáveis se mostraram estatisticamente significativas: a *área de formação* do indivíduo, em nível superior de ensino, e a interação entre *realização variável de /t, d/* e *contexto de assimilação*. Os resultados do modelo de regressão estão dispostos na Tabela 3.

Tabela 3 - Modelo de regressão ordinal para *orgulhoso(a)* (AIC = 1060.9)

<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β (logit)</i>	<i>Intervalos de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	0.21	-0.27 ~ 0.70	0.38
Contexto [progressivo]	0.13	-0.35 ~ 0.61	0.60
Formação [biológicas]	2.70	-0.26 ~ 5.67	0.07
Formação [saúde]	2.57	0.88 ~ 4.26	<0.05
Formação [engenharias]	2.05	0.08 ~ 4.03	<0.05
Formação [humanas]	1.83	0.11 ~ 3.55	<0.05
Formação [exatas e da terra]	1.73	0.12 ~ 3.34	<0.05
Formação [sociais aplicadas]	1.54	0.10 ~ 2.99	<0.05
Formação [não informado] ¹⁴	-0.12	-3.19 ~ 2.93	0.93
Realização [palatal] * Contexto [progressivo]	-0.79	-1.49 ~ -0.09	<0.05

Níveis de referência: realização [alveolar]; contexto [regressivo]; formação [letras]

Fonte: elaborado pelos autores

O modelo de regressão para o atributo *orgulhoso(a)* foi o único em que a *área de formação* do indivíduo apresentou resultado significativo. Conforme os resultados da Tabela 3, as respostas de participantes das áreas de Ciências da Saúde, Engenharias, Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra e Ciências Sociais Aplicadas diferenciam-se das registradas por indivíduos da área de Letras ($p < 0.05$), sendo os estímulos com produção alveolar em contexto favorável à assimilação regressiva – [fĩ. 'mẽ.dju] – avaliados mais positivamente na escala de ‘orgulho’ por indivíduos do agrupamento de cursos mencionados ($\beta = 2.57, 2.05, 1.83, 1.73, 1.54$, respectivamente). Os coeficientes positivos também podem sugerir uma menor sensibilidade dos indivíduos vinculados às áreas com relevância estatística à regra de palatalização regressiva, em comparação aos indivíduos de Letras. A razão dessa diferença, possivelmente, é devida a características internas dos grupos, as quais não podem ser detectadas nesta pesquisa, dada sua natureza ampla. Entretanto, o resultado se mostra relevante na medida

¹³ A concepção do experimento previa a interpretação desse atributo como uma característica positiva: *ter orgulho de falar assim*. Entretanto, como bem apontado em parecer, não podemos mensurar se a interpretação dos respondentes seguiu esse viés. Como reflexão metodológica, consideramos uma delimitação semântica mais específica em experimentos futuros. Também registramos nosso agradecimento às contribuições dos pareceristas.

¹⁴ Corresponde a indivíduos com nível superior, mas que não informaram o curso ao qual se vinculam.

em que aponta caminhos para investigações futuras em agrupamentos sociais menores, inclusive sob outros enfoques teórico-metodológicos.

Tais comportamentos singulares, de acordo com a *área de formação*, em relação às alveolares [t, d] em contexto regressivo – [fĩ. 'mɛ.dʒʊ] – são acompanhados de uma avaliação mais positiva desta, pela amostra como um todo, quando comparada à realização palatal em contexto progressivo – ['kuj.dʒʊ] ($\beta = -0.79$). Desse modo, a tendência estigmatizante associada à palatalização progressiva, identificada nas respostas à categoria de competência, é refletida também na categoria de integridade pessoal.

Na sequência, são analisadas as respostas aos atributos componentes da categoria atratividade social, *elegante* e *simpático*, respectivamente. Na Tabela 4, exibimos os resultados do modelo de regressão para *elegante*, o mais simples dentre os elaborados para as escalas de atributos analisadas nesta seção, contendo apenas fatores estruturais, dos quais o único significativo é a interação entre *realização de /t, d/* e a *direção de assimilação*.

Tabela 4 - Modelo de regressão ordinal para *elegante* (AIC = 987.28)

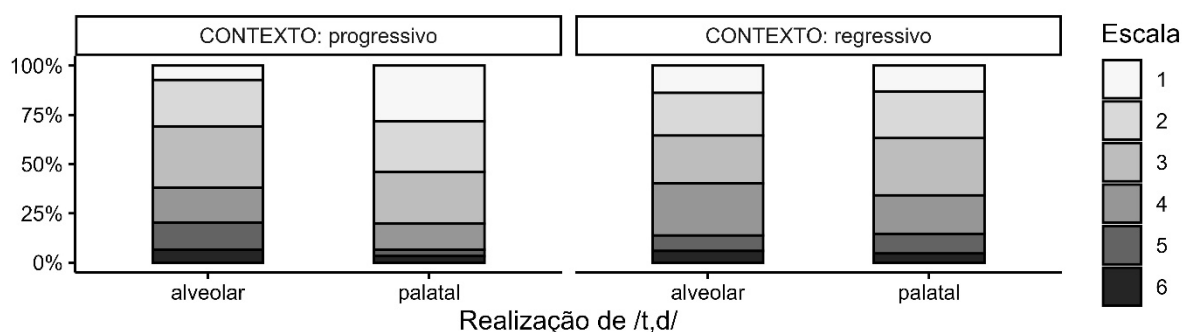
<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β</i> (logit)	<i>Intervalos</i> <i>de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	-0.03	-0.53 ~ 0.46	0.89
Contexto [progressivo]	0.49	-0.01 ~ 0.99	0.053
Realização [palatal] * Contexto [progressivo]	-1.61	-2.35 ~ -0.88	<0.05

Níveis de referência: realização [alveolar]; contexto [progressivo]

Fonte: elaborado pelos autores

Os resultados na Tabela 4, a exemplo do que já foi discutido para os demais atributos, refletem a tendência de a realização palatal em contexto progressivo – ['kuj.dʒʊ] – ser avaliada em níveis mais baixos da escala, em comparação à realização alveolar em contexto regressivo – [fĩ. 'mɛ.dʒʊ] – ($\beta = -1.61$), ou seja, há uma avaliação negativa de produções como ['doj.dʒʊ]. Isso é ilustrado, na Figura 4, por meio de diferenças percentuais.

Figura 4: respostas ao atributo *elegante* em escala percentual



Fonte: elaborado pelos autores

A Figura 4 também demonstra que, em contexto progressivo, há maior concentração de respostas positivas na escala de ‘elegância’ associadas à forma alveolar, o que evidencia o estigma da forma palatal, percebida como menos elegante. No contexto regressivo, por outro lado, há certo equilíbrio percentual de respostas nos níveis mais altos, 5 e 6, entre realizações alveolar e palatal, sugerindo que, quando está em jogo essa direção assimilatória, a palatalização de oclusivas não é estigmatizada.

No que diz respeito ao atributo *simpático*, cujos resultados estão dispostos na Tabela 5, apenas a *realização de /t, d/* e a *idade* do respondente, isoladamente, figuram como significativas.

Tabela 5 - Modelo de regressão ordinal para *simpático(a)* (AIC = 1099.71)

<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β</i> <i>(logit)</i>	<i>Intervalos</i> <i>de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	-0.61	-1.09 ~ -0.13	<0.05
Contexto [progressivo]	-0.31	-0.79 ~ 0.15	0.18
Idade	-0.04	-0.08 ~ -0.003	<0.05
Anos de residência	-0.01	-0.05 ~ 0.01	0.32
Área de res. [interior]	-1.19	-2.82 ~ 0.43	0.15
Área de res. [outra UF]	-0.92	-3.52 ~ 1.67	0.48
Realização [palatal] * Contexto [progressivo]	0.66	0 ~ 1.33	0.051
Anos * Área de res. [interior]	0.05	0 ~ 0.11	0.056
Anos * Área de res. [outra UF]	-1.17	-2.57 ~ 0.22	0.09

Níveis de referência: realização [alveolar]; contexto [regressivo]; área de res. [metropolitana]

Fonte: elaborado pelos autores

O modelo exposto na Tabela 5 sugere que, de modo geral, a forma palatal é negativamente avaliada na escala de simpatia em relação à alveolar, quando todas as demais variáveis estão em seus níveis de referência ($\beta = -0.61$). No entanto, a forma alveolar tende a ser avaliada mais negativamente a cada unidade de aumento na idade dos indivíduos ($\beta = -0.04$). Ou seja, entre os mais velhos, é esperada a atribuição de níveis mais baixos na escala de simpatia para a realização alveolar, ao passo que, entre os mais novos, essa mesma forma é representativa de sujeitos mais simpáticos. Testamos, ainda, um modelo que previsse a interação entre realização de /t, d/ e idade, porém, a interação não se mostrou significativa.

Discutimos, por fim, os modelos de regressão para os atributos *interiorano(a)* e *potiguar*, que compõem a categoria de associação geográfica. Na Tabela 6, são exibidos os resultados referentes ao primeiro atributo, que apontam para a seleção de três variáveis como significativas: 1. *Direção de assimilação*; 2. *Área de residência* e 3. Interação entre *realização de /t, d/* e *contexto de palatalização*.

Tabela 6 - Modelo de regressão ordinal para *interiorano(a)* (AIC = 1224.1)

<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β</i> (logit)	<i>Intervalos</i> <i>de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	-0.24	-0.68 ~ 0.18	0.26
Contexto [progressivo]	-0.83	-1.27 ~ -0.39	<0.05
Naturalidade [interior]	0.53	-0.08 ~ 1.14	0.08
Naturalidade [outra UF]	-0.47	-1.31 ~ 0.35	0.25
Área de res. [interior]	0.27	-0.37 ~ 0.93	0.40
Área de res. [outra UF]	-2.02	-3.28 ~ -0.75	<0.05
Realização [palatal] *	1.82	1.17 ~ 2.46	<0.05
Contexto [progressivo]			

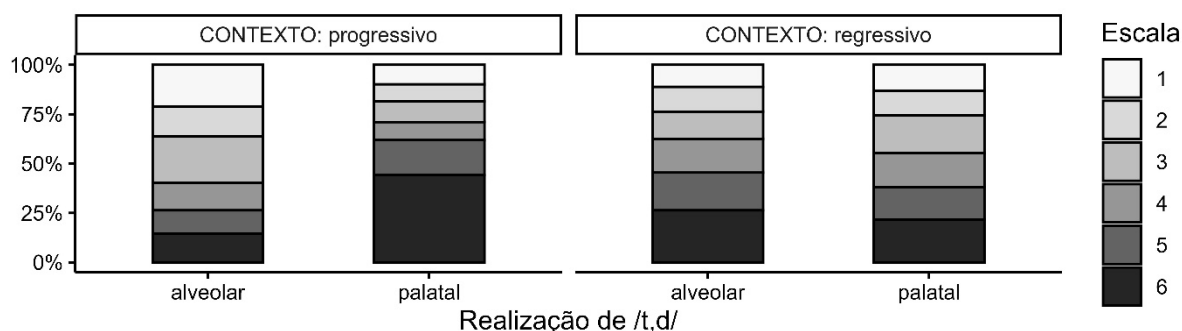
Níveis de referência: realização [alveolar]; contexto [regressivo]; naturalidade [metropolitana]; área de res. [metropolitana]

Fonte: elaborado pelos autores

No que diz respeito a 1, a produção alveolar em contexto progressivo – ['doj.dv] – é avaliada como menos interiorana em comparação a essa mesma produção em contexto favorável à assimilação regressiva – [hẽ.'mɛ.dju] – ($\beta = -0.83$), um indicativo de expectativa dos juízes pela realização palatal na fala de indivíduos naturais do interior do estado, quando atendidos os fatores motivadores de assimilação progressiva. Essa expectativa parece ser exagerada entre aqueles que residem em outra UF, pois tendem a atribuir valores mais baixos na escala à realização alveolar em contexto regressivo ($\beta = -2.02$), o que sugere seu não reconhecimento como uma ocorrência interiorana. Já em relação a 3, a palatal em contexto progressivo é avaliada como mais interiorana em comparação à alveolar em contexto regressivo ($\beta = 1.82$).

Esse resultado é refletido também pela distribuição percentual na Figura 5, a qual explicita que, em contexto progressivo, a realização palatal concentra mais respostas nos níveis mais altos da escala, em comparação à alveolar. Já em contexto regressivo, a maior concentração de respostas positivas é a estímulos de produção alveolar, embora a diferença não seja tão acentuada quanto a identificada em contexto de assimilação progressiva.

Figura 5 - Respostas ao atributo *interiorano(a)* em escala percentual



Fonte: elaborado pelos autores

Embora a direção da palatalização, isoladamente, seja relevante para explicar diferenças nas respostas à escala de interioranidade, o mesmo não acontece quando considerado um atributo de associação geográfica mais amplo: *potiguar*. O modelo de regressão construído para essa variável-resposta nem mesmo contém esse previsor, conforme resultados expostos na Tabela 7.

Tabela 7 - Modelo de regressão ordinal para *potiguar* (AIC = 1088.19)

<i>Preditores</i>	<i>Coefficientes β (logit)</i>	<i>Intervalos de confiança (95%)</i>	<i>Valores de p</i>
Realização [palatal]	-1.50	-2.21 ~ -0.79	<0.05
Anos de residência	-0.05	-0.08 ~ -0.02	<0.05
Área de res. [interior]	0.16	-0.65 ~ 0.99	0.69
Área de res. [outra UF]	-3.44	-5.38 ~ -1.50	<0.05
Realização [palatal] * Anos de residência	0.02	0 ~ 0.05	<0.05

Níveis de referência: realização [alveolar]; área de res. [metropolitana]

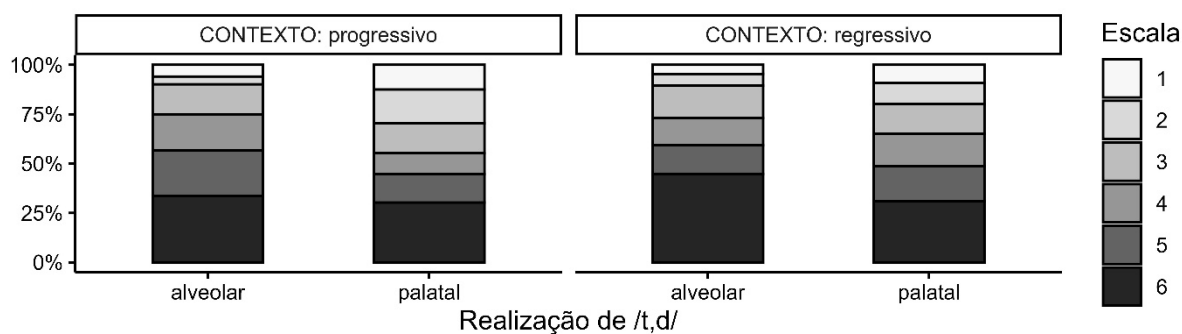
Fonte: elaborado pelos autores

O modelo sinaliza que a *realização* palatal é, no geral, avaliada em níveis mais baixos da escala para o atributo *potiguar*, em comparação à alveolar ($\beta = -1.50$), independentemente da direção da assimilação, o que elege a alveolar em contexto regressivo – [fĩ. 'mɛ.djɔ] – como mais representativa da fala do estado, na percepção dos participantes. Entretanto, a cada unidade de aumento em *anos de residência*, a alveolar perde um pouco de espaço para a palatal – [fĩ. 'mɛ.dʒjɔ] – ($\beta = -0.05$), sendo avaliada em níveis levemente mais baixos. Isso é reforçado pela interação entre essas duas variáveis predictoras, que indica o registro de respostas mais favoráveis à forma palatal na escala de representatividade potiguar, conforme aumentam os anos de residência ($\beta = 0.02$). São os indivíduos que residem em estado diferente do RN, assim como observado para o atributo *interiorano(a)*, aqueles que figuram como líderes da rejeição da variante alveolar ($\beta = -3.44$), mudança de perspectiva sobre traços linguísticos locais que, embora esteja em consonância com a interação apresentada, manifesta um efeito mais expressivo, potencialmente em função do contato com variedades em que formas palatais são mais frequentes.

Apesar dessa tendência de valorização da palatal em contexto regressivo, a Figura 6 demonstra que, quando outras variáveis não são consideradas, a emergência alveolar de /t, d/ é a considerada mais *potiguar*, concentrando mais respostas nos níveis mais altos da escala, bem como menos respostas nos níveis mais baixos, em ambos os contextos de assimilação. Esse resultado está dentro das expectativas, uma vez que realizações palatais, no RN, ocorrem em contextos estruturais bastante específicos (ambiente átono contíguo a ditongo, como *remédio*)

e reduzidos em relação aos contextos de ocorrência de alveolares (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012; ANANIAS; CUNHA, 2022). Desse modo, em termos de frequência, a fala potiguar é mais caracterizada por produções alveolares, uma vez que a regra de palatalização tem descrição estrutural menos ampla, em comparação ao que ocorre em outras comunidades, como o Rio de Janeiro.

Figura 6 - Respostas ao atributo *potiguar* em escala percentual



Fonte: elaborado pelos autores

Também é interessante observar que, ainda que a forma palatal, na Figura 6, não seja a mais representativa, a porcentagem de respostas positivas se aproxima de 50%, independentemente da direção de assimilação, o que está de acordo com a interação entre as variáveis expostas na Tabela 7.

Conclusão

A análise das respostas às escalas de atributos que constituem o instrumento desta pesquisa permite o estabelecimento de algumas generalizações. De modo geral, a palatalização progressiva – [ˈdoj.dʒʊ] – é avaliada negativamente, sendo preferida a forma alveolar nesse contexto – [ˈdoj.du]. Já a palatalização regressiva – [hĩ.ˈmɛ.dʒjʊ] – não sofre estigma, ainda que seja engatilhada, na comunidade estudada, pelo mesmo fator estrutural que motiva a assimilação progressiva. O comportamento da amostra demonstra que, estatisticamente, em contexto regressivo, há preferência pela realização alveolar, que é levemente superada pela palatal conforme avançam a idade do indivíduo ou o seu tempo de moradia em sua atual área de residência, principalmente entre os que residem fora do RN. Tal diferença de avaliação, a depender da direção da assimilação (e da realização de /t,d/, como evidenciado pelas interações entre variáveis), é possivelmente motivada pela opacidade da regra de palatalização

característica da comunidade, cujo *output* é idêntico ao da regra de palatalização característica do Sudeste do Brasil – que, por sua vez, constitui norma de prestígio¹⁵.

O valor positivo associado à forma palatal – [ã.'guʃ.tʃja] – para os participantes que residem fora do RN é ainda superior ao que é identificado para aqueles que residem na Região Metropolitana de Natal, o que possivelmente constitui reflexo da exposição a variedades linguísticas de outras comunidades. Por outro lado, os falantes que residem no interior parecem apresentar certo conservadorismo, por registrarem uma avaliação mais positiva da realização alveolar nesse mesmo contexto – [ã.'guʃ.tja]. Dessa constatação, advém a hipótese de que a postura conservadora dos que residem no interior demonstra movimento de reafirmação da identidade local, caracterizada majoritariamente por realizações alveolares, no que se refere à produção de fala, considerando todos os contextos possíveis de realização de /t, d/ (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012).

A tensão interior x capital é explicitada também pelas respostas à categoria de associação geográfica, que demonstram a percepção da variante palatal em contexto progressivo – ['doj.dʒu] – como mais característica do interior. Essa produção é, ainda, indiciadora de indivíduos menos inteligentes, menos desenrolados, menos orgulhosos, menos simpáticos e menos elegantes, portanto, menos competentes, menos íntegros e menos atrativos socialmente, considerando as categorias maiores. Fica evidente, por esses resultados, o estigma associado a tal produção, o qual independe do sexo do participante.

Apesar da mencionada valorização da palatalização regressiva, essa realização não é reconhecida como marca de pertencimento à comunidade potiguar, possivelmente devido à maior frequência de produções alveolares no RN, já que formas palatais são manifestadas em contextos bastante restritos (ANANIAS; CUNHA, 2022). No entanto, em nossa amostra, conforme aumentam os anos de residência, a forma palatal passa a ser considerada levemente mais representativa dessa categoria, sinalizando que, ao longo de sua vivência, os indivíduos compartilham práticas estilísticas em que a palatalização emerge como índice identitário, principalmente entre aqueles que residem fora do RN. Porém, mesmo nos limites geográficos do estado, não é incomum, em determinados ambientes acadêmicos e profissionais, que sejam ouvidas produções palatalizadas por assimilação regressiva não motivadas pela regra fonológica local – ['dẽ.tʃi], por exemplo –, produções que parecem não se sustentar em

¹⁵ Realizações [t, d] em contexto de assimilação regressiva (aditivo) parecem constituir estereótipos das variedades nordestinas que ainda as preservam, afetando inclusive a percepção dos próprios falantes que as produzem, os quais tendem a enxergar as variantes [tʃ, dʒ] como mais prestigiosas. Há necessidade de ampliação de estudos que definam mais claramente o valor dessas formas, mas já podem ser conferidos, por exemplo, os trabalhos de Sóstenes e De Paula (2017) e Vitória (2020), que abordam esse aspecto em comunidades nordestinas.

situações mais informais de comunicação (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012). São sugeridos, então, estudos de percepção no nível de comunidades menores e que envolvam indivíduos com maior amplitude de níveis de escolaridade, a fim de identificar os valores estilísticos veiculados pelas realizações de /t, d/ em seu âmago.

Referências

ANANIAS, T. C.; CUNHA, C. M. A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 11-52, 2022.

BISOL, L. Ditongos derivados. **Delta**, São Paulo, v. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, M. A.; ABRACADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 39-64

CHRISTENSEN, R. H. B. **Ordinal**: regression models for ordinal data. 2019. Pacote R versão 2019.12-10. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=ordinal>.

CLASON, D.L.; DORMODY, T.J. Analyzing data measured by individual Likert-type items. **Journal of Agricultural Education**. v. 35, n. 4, p. 31-35, 1994.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul. 2012.

FREITAG, R. M. K. Effects of the linguistics processing: palatals in brazilian portuguese and the sociolinguistic monitor. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 25, n. 2, p. 19-30, 2020.

GARCIA, G. D. **Data visualization and analysis in second language research**. New York: Routledge, 2021.

GARRETT, P. **Attitudes to language**. New York: Cambridge University Press, 2010.

KIPARSKY, P. Abstractness, opacity, and global rules. In: KOUTSOUDAS, A. **The application and ordering of grammatical rules**. The Hague: Mouton, 1976. p. 160-184

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of abnormal and social psychology**, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R: data exploration and statistical analysis**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

OLIVEIRA, A. A.; OLIVEIRA, A. J. Variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em alagoas. **Alfa**, São Paulo, v. 65, 2021.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. Versão 4.0.4. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

SANTOS, A. M. O. **As “Africadas Baianas” em Sergipe e Alagoas: um estudo a partir dos dados do Projeto ALiB**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SÓSTENES, G. S.; DE PAULA, A. S. A fala de telejornalistas de duas capitais nordestinas. **Revista leitura**, Maceió, v. 2, n. 59, p. 143-167, 2017.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Acessando o significado social da palatalização /t, d/. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 208-226, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WICKHAM, H. *et al.* Welcome to the tidyverse. **Journal of Open Source Software**, v. 4, n. 43, p. 1-1686, 2019.

WICKHAM, H.; SEIDEL, D. **Scales: scale functions for visualization**. 2022. Pacote R versão 1.2.0. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=scales>.

Sobre os autores

Gabriel Sales (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9205-3334>)

Mestrando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Eliete Figueira Batista da Silveira (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6928-2614>)

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição em que atua como professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV).

Recebido maio de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.